

A CIDADE E O SANITARISTA IMAGENS DE UM PERCURSO*

*Eliana Almeida de Souza Rezende***

Introdução

O trabalho aqui apresentado procura tecer os fios que servem para alinhar o pensamento de um médico sanitarista que exerceu suas funções profissionais também como homem público,¹ e que, como tal, tinha claras posições sobre a cidade que habitava e na qual almejava interferir. Sua visão de cidade e seu olhar sobre ela, além de eventuais propostas para sua reformulação, estarão sendo analisadas através das imagens produzidas por ele como fotógrafo amador.²

O conjunto formado pelas 153 imagens produzidas amadoristicamente pelo Dr. Geraldo Horácio de Paula Souza serve como fonte para abordar as concepções de higiene, cidade e indivíduo em voga no começo do século XX em São Paulo. Tomando as fotografias produzidas por um médico sanitarista como fonte principal de análise,³ busca-se um diálogo entre a linguagem fotográfica e as práticas sociais tecidas no espaço

* Parte de pesquisa de doutorado em andamento, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação do IFCH/Unicamp, sob orientação da Prof^a Dr^a Maria Stella Martins Bresciani.

** Historiadora, arquivista, conservadora e restauradora de fotografias.

1 Refiro-me especificamente ao Dr. Geraldo Horácio de Paula Souza (1889-1951), médico com atuação na área de Saúde Pública no estado de São Paulo.

2 O objetivo que se pretende alcançar é o de se iniciar algumas discussões que serão alvo de aprofundamento no decorrer do trabalho de produção da tese de doutorado ainda em fase de elaboração.

3 A Coleção utilizada para análise encontra-se na Biblioteca da FAU/USP e é formada por imagens produzidas entre as décadas de 1910 e 1920.

urbano. Desta forma, algumas considerações mostram-se relevantes quanto aos aspectos teórico-metodológicos adotados aqui como referências de análise.

Os registros fotográficos neste sentido são tomados como crônica, por expressarem relações e práticas sociais vigentes em determinadas camadas sociais. Considerando-se o registro fotográfico como crônica, o fotógrafo passa a ser considerado como aquele que constrói sua narrativa à medida que fixa suas imagens nas dimensões espaço/tempo, fornecendo elementos para o estudo dos viveres e fazeres na e da cidade. Tal como a crônica escrita, a crônica fotográfica consegue exprimir uma intrincada rede de relações e comportamentos, transmitindo “imagens de um tempo social”. Recorta, fragmenta e enfoca o tema desejado, atribuindo-lhe significados (Rezende, 1996, p. 7). Arlindo Machado (1994, p. 76), falando a respeito desta característica intrínseca da fotografia, comenta que

(...) Toda visão pictórica, mesmo a mais “realista” ou a mais ingênua, é sempre um processo classificatório, que joga nas trevas da invisibilidade extra-quadro tudo aquilo que não convém aos interesses da enunciação e que, inversamente, traz à luz da cena o detalhe que se quer privilegiar (...).

A imagem fotográfica, desta forma, nos dirige o olhar para um determinado ponto que se quer deixar em evidência, obscurecendo e/ou ocultando o que para o produtor da imagem não é relevante ou digno de ser registrado.

A “leitura” desta narrativa por parte do pesquisador não ocorre sem problemas. A ele está reservado o confronto com problemas metodológicos que tratam das possibilidades e potencialidades técnicas da linguagem fotográfica e a instituição de novas práticas sociais que necessitam ser decodificadas a partir de seu contexto de produção e veiculação, além de se confrontar com a questão do “realismo” e “verismo” fotográfico, em que entram as discussões entre história e linguagem, entendidas como práticas sociais concretas. “Ler”, neste caso, significa lidar com as formas pelas quais se deu a construção do olhar e das formas pela qual este se expressa (Lucas, 1996, p. 11).

Como nos fala Ismail Xavier (1988, p. 370) a respeito da imagem cinematográfica, e que com propriedade pode ser também aplicado à fotografia:

(...) A imagem que recebo compõe um mundo filtrado por um olhar exterior a mim, que me organiza uma aparência das coisas, estabelecendo uma ponte mas também se interpondo entre eu e o mundo. Trata-se de um olhar anterior ao meu (...).

O olhar que vê e que procura compreender os significados das imagens também atribui significados e intencionalidades a partir de um repertório muito próprio. Obtêm-se com isso diferentes níveis de leitura que irão das intenções e objetivos do fotógrafo, que ao sugerir um tema a ser fotografado imprime ali a sua marca indicando por quais caminhos trilhou, até o uso e as eventuais reflexões dos que se apropriam destas imagens.

A inserção de tais preocupações em uma perspectiva de história social terá de compreender a cultura como um campo de forças e levará para o campo teórico-metodológico a visão que norteia o pensamento de Raymond Williams sobre a materialidade dos fenômenos da linguagem. Abordar estas imagens significa circunscrevê-las em seu universo de produção, incluindo-se aí a perspectiva de pensar a fotografia como uma linguagem, e que, como tal, deve ser entendida como articulação da experiência ativa e em transformação: uma presença social e dinâmica no mundo (Williams, 1979, p. 43).

O olhar do sanitarista sobre a cidade

Além dos aspectos relacionados acima, seria importante retomar aqui uma outra preocupação que norteia os caminhos de uma pesquisa com imagens fotográficas. Ela se refere ao *respeito à proveniência* destas fontes.⁴

Não importa se pesquisadores, conservadores ou arquivistas, devemos ter sempre claro a origem do material iconográfico trabalhado e utilizado como fonte. É a partir deste princípio que se pode compreender a coerência interna de uma produção e os caminhos de sua circulação. Enfim, o respeito à proveniência é que garantirá a unicidade do documento, tornando-o indivisível, garantido com isso sua individualidade e inserção no universo de sua produção. Isto porque pesquisar com fontes iconográficas não significa reunir grupos de imagens apenas por qualidades estéticas subjetivas, mas significa caminhar através dos caminhos que vão de sua produção à sua preservação.

4 Princípio arquivístico segundo o qual os arquivos originários de uma instituição ou de uma pessoa devem manter sua individualidade, não sendo misturados aos de origem diversa, garantindo com isso a unicidade do documento. Ver Ana Maria de Almeida Camargo e Heloísa Liberalli Belloto (coords.). *Dicionário de terminologia arquivística*. São Paulo, Associação dos Arquivistas Brasileiros – Núcleo Regional de São Paulo/Secretaria de Estado da Cultura – Departamento de Museus e Arquivos, 1996, pp. 61 e 76.

Respeitar a proveniência das imagens levou-nos diretamente a reflexões que envolviam os caminhos de sua preservação, indicando com quais objetivos essas imagens tiveram sua integridade garantida através de décadas, enquanto outras perdiam-se através do tempo por diferentes razões.

A coleção Paula Souza, aqui analisada, representa uma paciente guarda de sua filha através dos anos. Muitas imagens têm legendas e anotações e indicam claramente os objetivos de seu produtor por determinados ângulos ou preferências temáticas. Sua organização é artificial e foi realizada por terceiros a partir das informações existentes na própria imagem. Apesar disso, não perde sua coerência interna e mostra claramente o percurso seguido na sua elaboração.

As imagens desta coleção são tomadas como objeto fotográfico único, e, portanto, com características muito peculiares. Quando temos esta oportunidade, e tecemos a rede das tramas que nos trouxeram estes objetos, sozinhos ou em coleções, caminhamos a horizontes mais abertos obtendo informações sobre os processos técnicos utilizados, as dificuldades e opções de seu produtor para este ou aquele tipo de imagem. Serão estes aspectos que subsidiarão a pesquisa pertinente aos temas trazidos pelas imagens.

Considerar a imagem fotográfica como um objeto único e, por isso, fruto de uma cultura material, auxilia-nos em momentos em que outras informações parecem não fornecer elementos suficientes para compreendermos sua produção. A fotografia, neste sentido, passa a representar um todo, composto por seu suporte, técnicas empregadas, eventuais inscrições e/ou carimbos, dedicatórias, assinaturas, etc., e oferecem por isso importantes informações sobre aspectos sociais, culturais e/ou estéticos no universo de sua produção, podendo ir além e também fornecer informações técnicas envolvendo áreas do conhecimento exato, como a química e a física.

No decorrer do trabalho, houve a preocupação de obter a maior quantidade possível de informações sobre o agente produtor destas imagens: seu campo de atuação, trabalhos desenvolvidos paralelamente e outros registros, quer fotográficos, quer de outra natureza.⁵ O leque oferecido por outros tipos de registro são grandes devido à própria atuação do Dr. Paula Souza, e incluem registros de trabalhos acadêmicos, cadernos de anotações, relatórios oficiais de quando estava à frente da Secretaria de Saúde, entrevistas em jornais e programas de rádio.

5 Incluem-se aqui trabalhos escritos, artigos publicados em jornais, trechos de depoimentos, conferências e documentos oficiais.

Além disso, foi fundamental para algumas reflexões, estudos do período sobre a concepção de sanitarismo, higiene, vadiagem, educação, moral, vícios, reclusão. Acreditando que nos fins do século XIX e princípios do XX o pensamento higienista informava as concepções sobre o corpo físico e social e interferia nas diferentes abordagens do espaço urbano influenciando práticas, reflexões e intervenções nas cidades do mundo ocidental, este trabalho tem como principal eixo de análise as reflexões colocadas pelo sanitarismo e a medicina social. Isto porque é este o momento em que a cidade passa a ser objeto e agente da principal questão colocada pelas transformações daquele período histórico: a questão social.

O sanitarismo, neste sentido, passa a emprestar, às reflexões sobre o espaço urbano, o repertório: termos como higiene, circulação, habitação, sistemas de abastecimento de água e esgotos, infecção e contaminação passam a ser cada vez mais recorrentes. Neste sentido, o discurso sanitário se desdobra em seqüências que tecem as tramas discursivas em torno da cidade. É deste discurso sanitário que temos diferentes imagens da cidade e seus problemas. É ele que estará informando e alimentando diferentes concepções do que vem a ser problema social e, portanto, alvo de críticas e/ou denúncias via imagem fotográfica.

É a partir deste pensamento higienista que urbanistas e outros técnicos estarão interferindo no espaço urbano, modificando, transformando, construindo novos espaços de convivência e regulamentando antigas formas de socialização e vida. Assim, torna-se fácil compreender de que modo do pensamento higienista seríamos remetidos diretamente à engenharia, tida exatamente como aquela que trabalhará em prol da edificação da cidade limpa e saneada e que está estreitamente relacionada a uma teoria mesológica – que sustenta a idéia de que a boa cidade produziria bons cidadãos e que a limpeza e higiene gerariam disciplina, boa moral e ausência de vícios.

O sanitarismo, deste modo, auxilia na elaboração de um discurso sobre a cidade. É a partir deste que se acredita que o meio forma moral e fisicamente o homem, cabendo aos que têm conhecimento técnico e competente a transformação deste meio. Aliado ao uso de fotografias, as duas linguagens – escrita e visual – tecem um discurso que se relaciona e interpenetra.

Deste modo, algumas questões se colocam como fundamentais ao tentarmos responder qual é a imagem de cidade originária da produção deste fotógrafo amador. Afinal, qual é a preocupação principal em documentar? Quem é o outro a partir do qual se estabelecerão relações quer de solidariedade, quer de combatividade? Qual o projeto de cidade que se espelha a partir das imagens produzidas? Qual seria a cidade

digna de receber um olhar mais atento? Quais os elementos escolhidos para compor a imagem de cidade deste sanitarista? Um breve olhar sobre os motivos escolhidos para se fotografar talvez seja uma das muitas pistas deixadas.

A cidade do sanitarista possui prédios, ruas e praças vazias em oposição aos espaços “sujos” da multidão: as pessoas só aparecem em suas fotos sobre cortiços, focos infecciosos, ou no mercado municipal.

A coleção divide-se didaticamente em espaços de insanidade física (cortiços, mercados) e mental (hospícios) e passa por contraste para aqueles que, na visão sanitarista, têm a solução para os problemas sociais encontrados na cidade: são os espaços destinados à educação, saúde e disciplina, personificados aqui por escolas, prisões, hospitais, quartéis, entre outros.

Falando-se especificamente sobre os edifícios, estes se dividem em prédios voltados à saúde (hospitais), à educação (escolas), disciplinarização (prisões, quartéis, fábricas), transporte e circulação de bens, mercadorias e pessoas – as estações de trem (com destaque para sua monumentalidade e perfeição de formas). Nota-se que no caso de todas as imagens tais espaços reguladores da vida social aparecem como a chave para os problemas sociais da cidade. As escolas, como proposta educacional, surgem como meio de combater a ignorância e os maus hábitos de higiene encontrados na população. Os hospitais e hospícios são mostrados como o meio eficaz de combate a toda forma de doenças, quer de ordem física, quer de ordem mental e seus espaços são mostrados como sendo de higiene e tecnologia – estas últimas representadas por diferentes equipamentos, em sua maioria importados dos EUA e Canadá. O fascínio pela tecnologia importada e seus equipamentos é uma constante nas imagens produzidas por nosso fotógrafo e indicam sua opção de importar modelos para uma realidade às vezes bem diversa.

Em seu projeto de intervenção social não poderia deixar de faltar o que seria em sua visão um modelo bastante convincente de aliar trabalho, educação e disciplina: as prisões, as escolas, os hospitais, os quartéis e as igrejas. Sob esta ótica, as formas arquitetônicas destas edificações satisfazem preceitos de circulação, disciplina e hierarquização que fornecem os elementos para uma eficaz disciplinarização dos que nela se encontram. Lembrando Foucault (1987, p. 135):

(...) As disciplinas, organizando as “celas”, os “lugares” e as “fileiras” criam espaços complexos: ao mesmo tempo arquiteturais, funcionais e hierárquicos. São espaços que realizam a fixação e permitem a circulação; recortam segmentos individuais e estabelecem ligações operatórias; marcam lugares e indicam valores; garantem a obediência dos indivíduos, mas também uma melhor economia do tempo e dos gestos. São espaços mistos:

reais pois que regem a disposição dos edifícios, de salas, de móveis, mas ideais, pois projetam-se sobre essa organização caracterizações, estimativas, hierarquias (...).

Além de representar o espaço onde a disciplinarização poderia se desenvolver, tais instituições poderiam representar o seu oposto e transformar-se rapidamente em um local propício a contágios e contaminações. São pontos de aglomeração onde, se não tomadas as devidas providências, se desenvolveriam vícios e toda forma de desvios morais.

Segundo Telma de Barros Correia (1995, p. 49)

(...) A medicalização da sociedade teve dois importantes impactos sobre a leitura da cidade. De um lado, marcou as ciências humanas – que então estavam se constituindo – pelo procedimento médico e pela utilização dos conceitos de normal e patológico na observação da sociedade. Por outro lado, conduziu a um olhar clínico sobre a cidade que, através destes procedimentos e conceitos, vê o espaço urbano como algo a ser medicado (...).

Este processo acabou por favorecer, segundo a autora, o surgimento de técnicas de controle do meio e os conseqüentes dispositivos disciplinares produzidos a partir do saber médico.

A ordenação dos espaços coloca-se como ideal a ser alcançado, pois é nele que regras comportamentais e de higiene são rigorosamente cumpridas e facilmente supervisionadas. A educação aparece como o meio que auxiliará nesta luta. É através dela que os indivíduos aprendem ofícios, ordens, hierarquias, higiene, contribuindo para uma sociedade mais ordeira e saudável.

Neste sentido, os espaços são segmentários e atentamente mostrados ao olhar perscrutador: ali estão os detentos que revolvem o lixo produzido pela penitenciária ou a mulher que atrás da reclusão de um cárcere acena com os braços aos que por ela passam. O espaço da falta de higiene é o do cortiço, identificado com bêbados caídos ao chão, com roupas estendidas e bacias espalhadas ao redor. São os espaços sujos, escuros e apertados dos cortiços que lançam seus moradores à rua, contaminando e sendo contaminados por doenças, vícios e toda sorte de imoralidades. Mesmo a literatura se encarrega de construir imagens sobre este tipo de habitação, e talvez seja no romance *O cortiço*, de Aluísio Azevedo, que encontremos uma descrição à altura:

(...) naquela terra encharcada e fumegante, naquela umidade quente e lodosa, começou a minhocar, a ferver, a crescer, um mundo, uma coisa viva, uma geração, que parecia brotar espontânea como larvas no esterco (...). (1986, p. 21)

O cortiço é representado como algo vivo, que pulula e se reproduz, como vermes, onde seus habitantes parecem brotar e proliferar por todas as partes.



Figura 1



Figura 2



Figura 3

As latrinas lá estão, compartilhadas por uma multidão de pessoas de todas as idades e conformações físicas e patológicas. É o espaço saturado de odores e de pessoas em oposição às belas ruas, fachadas arquitetônicas e monumentos. Assim, duas são as ruas: aquelas estreitas e carregadas de vício e imoralidade, habitadas por mendigos, malandros, doentes e outros marginais, localizadas nas periferias do centro da capital e identificadas principalmente com os bairros operários, em oposição àquelas por onde a vida sã e cultural passa, identificada pelas casas de comércio elegante ou as vias que conduzem aos cinemas, teatros e parques da cidade.

Em conformidade com isso, a cidade sob esta ótica é fragmentária e merece para sua compreensão estudo e análise segmentária. O sanitarista a disseca e fragmenta, em uma esperança de melhor compreendê-la e/ou mostrá-la ao olhar estrangeiro – entendido aqui não apenas por aquele de quem não reside nesta cidade, mas também por aquele que não a conhece por não ter o olhar de especialista.

Neste ponto, não se deve esquecer dos equipamentos desta dissecação, dentre as quais está a própria fotografia. Recortando e selecionando espaços a serem detidamente examinados, o olhar fotográfico cumpre a função de “relatar” e propor. Relata as diferentes condições de vida encontradas no tecido social e propõe soluções que estão diretamente relacionadas à atividade e ao ofício do médico sanitarista. Deste modo, o conjunto de imagens se coloca como um documentário sobre a cidade: seu lixo, suas águas, sua circulação, seus personagens, suas construções, etc., intenção facilmente observável pelas legendas escolhidas...

Neste caso específico, as legendas testemunham as intenções do fotógrafo que nos dirige o olhar, orientam nossa leitura em um determinado sentido, procurando realçar/ocultar aspectos presentes no registro fotográfico, compondo uma crônica intencional daquilo que se retrata. É o caso, por exemplo, da legenda que procura esclarecer uma foto de um estabelecimento que vende sorvetes: “Sorveteria onde se vê o vidro com os copos de sorvete destapados”. Além desta, poderíamos citar as legendas que se ocupam de descrever as formas pelas quais os alimentos são distribuídos pela cidade. Em uma delas, lê-se: “Um verdureiro ambulante” ou “Feira livre na Av. Tiradentes – Seção de seccos e molhados”. A preocupação em registrar fotograficamente estes locais e imprimir-lhes legendas prende-se ao fato provável da preocupação do sanitarista com aspectos ligados à higiene de produção e distribuição de alimentos pela cidade, além dos meios de transporte utilizados na sua distribuição. A legenda ganha com isso um sentido de denúncia. Leia-se a respeito deste tema o *Boletim* produzido pelo Instituto de Higiene, de autoria do próprio Paula Souza, sob o item “Sugestões para a melhoria da legislação sanitária estadual sobre gêneros alimentícios”:



Figura 4

(...) Art. – Ao serviço de fiscalização dos gêneros alimentícios, incumbindo da vigilância sobre a produção e consumo de gêneros destinados à alimentação publica, compete: (...) b) – inspecionar os estabelecimentos e lugares em que esses gêneros forem produzidos, fabricados, manipulados, acondicionados, armazenados ou simplesmente expostos à venda (...).⁶

Não apenas os locais de armazenamento e/ou venda destes produtos foram alvo de artigos e registros fotográficos. Também foram alvo de suas preocupações os meios utilizados para o transporte dos gêneros alimentícios, daí o sempre recorrente registro

⁶ Paula Souza e Nicolino Moreno. "Sugestões para a melhoria da legislação sanitaria estadual, sobre gêneros alimentícios". *Boletim n° 20*, Instituto de Hygiene de São Paulo, 1924.

de imagens de carroças e automóveis utilizados na distribuição de verduras, frutas, leite e outros produtos perecíveis pela cidade. Não apenas se registram fotograficamente os meios de transporte de alimentos perecíveis, como também aqueles utilizados para o transporte de doentes e defuntos. A circulação pela cidade é uma preocupação constante em suas imagens, talvez por ser, segundo sua visão, através destas vias que saúde e doença circulem e se proliferem, cabendo às autoridades competentes o exame e o monitoramento das formas pelas quais tal transporte se dá.

No mesmo *Boletim* citado acima, Paula Souza revela sua preocupação com tais meios de transporte, e sugere:

(...) Parág. único – A busca para a fiscalização se estenderá mesmo aos armazens e veículos das empresas de transporte em que essas mercadorias estejam depositadas ou em trânsito, ainda que nocturno, e aos domicílios em que se achem occultadas ...⁷



Cortição do Snr.Gordinho - a primeira porta é a latrina
commum abrindo-se para a rua.

Figura 5

7 Idem.

O detalhamento e o rigor das legendas pode fornecer pistas sobre o esquadramento dos espaços visitados, em especial os cortiços, como é o caso desta outra legenda: “Cortiço do Snr. Gordinho – a primeira porta é a latrina commum abrindo-se para a rua”. No caso específico desta legenda, têm-se as informações sobre a localização do cortiço e os motivos que levaram ao registro fotográfico: a latrina comum, somada à própria imagem que mostra um número muito grande de pessoas que usufruem desta instalação nos indicam as preocupações do nosso fotógrafo.

Na sua concepção, a ignorância popular é o maior obstáculo que se coloca ao sanitarista e acrescenta:

(...) Coloquemos o caboclo ignorante na casa do patrão e este, instruído, na choça do caboclo; ou o proprietário de Higienópolis, no cortiço do Brás, a família inculta no palácio do primeiro, e observe-se o acerto do que afirmo. Rápida seria a transformação da choça e do mucambo em locais compatíveis com a vida digna de viver bem como a da “casa grande” e do palácio nos mais perigosos antros da doença e da miséria (...).⁸

Como se vê, em sua concepção, não é a condição de ricos ou pobres, mas sim o que denomina ignorância popular a responsável pelo “perigo” representado pelas doenças e misérias sociais.

Em todos os casos, o que vemos é sempre a utilização da fotografia como retrato do real. Seu emprego é em muitos casos o de uma testemunha que fala por si mesma e, talvez por isso, várias das imagens deste conjunto não têm legendas.

Cabe frisar que a utilização da fotografia pela medicina e pela justiça com fins de identificação foi uma constante desde a sua invenção e conseguiu, no decorrer dos séculos XIX e XX, ampla divulgação. A utilização dos registros fotográficos como apontamentos de expedições sanitárias e incorporação de relatórios de viagem são muito comuns e não receberam ainda até os dias de hoje uma reflexão mais aprofundada. As imagens são tomadas pelo que mostram e são tidas como o meio eficaz de retratar aquilo que é visto, são tidas como uma “radiografia” das patologias sociais.

Sendo tais características tão marcantes no universo intelectual e profissional deste fotógrafo amador, algumas questões colocam-se como relevantes: Como encarar o produto final destas imagens sendo um pesquisador de outra área, com um repertório bem

8 Geraldo Horácio Paula Souza. “Ribas – pioneiro de renovação sanitária no Brasil”. *Boletim n° 73*. Instituto de Hygiene de São Paulo, 1941, pp. 20 e 21

diverso e com outras especificidades? Quais os desafios que se colocam para o pesquisador neste sentido?

Em primeiro lugar, seria incorrer no erro de tomar tais imagens como “a verdade” sobre São Paulo no começo do século XX. Apesar de conter elementos que, de alguma forma, são parte de uma determinada realidade social, são também parte de uma construção imagética de seu produtor. Revelam uma intenção clara e comprometida com os principais aspectos defendidos pelo seu produtor, somam-se aos discursos competentes produzidos em todo o início do século XX sobre saúde e higiene. Corroboram tais afirmativas outras documentações, como artigos, conferências, entrevistas e relatórios produzidos pelo próprio Paula Souza, que nos permitem identificar sua forte tendência a ver somente na educação os meios pelos quais se poderia melhorar a sociedade. Nas suas próprias palavras:

(...) Apto a uma ação ampla, polimorfa, eminentemente social e educativa, o Sanitarista, seja médico ou engenheiro, auxiliado por uma plêiade de técnicos tais como: educadores sanitários, enfermeiras de saúde pública, assistentes sociais, inspetores sanitários e outros, pode exercer marcada influência na transformação do meio ambiente, eliminando os mais grosseiros entraves a salubridade geral (...).⁹

Os caminhos desta educação pela história da saúde pública oferecem outros questionamentos e nos levam a outros caminhos ainda em processo de elaboração.

Comentários finais

Abordar a cidade a partir da ótica de um sanitarista e de sua produção fotográfica amadora possibilitou pensar sobre quem são os habitantes desta cidade que cresce vertiginosamente, e que aos olhos técnicos necessitam ser identificados, esquadrinhados e tratados.

É uma cidade multifacetada e que é vista pelo olhar competente do médico sanitarista como uma ameaça que só poderá ser dominada a partir da educação. Opõe-se com rigor à chamada sabedoria popular, contra a qual coloca todo o saber médico-científico. Os espaços que poderíamos considerar como de reclusão são colocados por seu olhar como os únicos capazes de curar a sociedade doente e viciada. A Ciência é

9 Entrevista dada à Rádio do Departamento de Cultura (Reitoria), em 23.11.1950.

colocada como a mais importante de todas as realizações humanas e é o meio pelo qual se pode diagnosticar e tratar o “corpo social”.

Diante do exposto, considero que muito ainda pode ser aprofundado sobre este olhar tão específico e que, sem dúvida, revelar-se-ão muitos outros meandros e caminhos não percorridos.

Bibliografia

- Azevedo, A. . *O cortiço*. São Paulo, Editora Ática, 1986.
- Camargo, A. M. de A. e Belloto, H. L. *Dicionário de terminologia arquivística*. São Paulo, Porto Calendário, 1996.
- Correia, T. de B. *Pedra: plano e cotidiano operário no Sertão – o projeto urbano de Delmiro Gouveia*. Tese de Doutorado FAU/USP. São Paulo, 1995.
- Foucault, M. *Vigiar e Punir – história da violência nas prisões*. 5 ed. Petrópolis, Vozes, 1987.
- Lucas, M. R. de L. *Imagens do Moderno: os sentidos do olhar de Jacques Tati*. Dissertação de Mestrado. São Paulo, PUC-SP, 1996.
- Machado, A. *A ilusão especular*. São Paulo, Brasiliense, 1994.
- Rezende, E. A. de S. *Alquimia sedutora substanciada em imagem: a crônica fotográfica de São Paulo nas primeiras décadas do século XX*. Dissertação de Mestrado. São Paulo, PUC-SP, 1996.
- Williams, R. *Marxismo e literatura*. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.
- Xavier, Ismail. “Cinema: revelação e engano”. In: Adauto Novaes (org.). *O olhar*. São Paulo, Companhia das Letras, 1988.